

Pós-doutorado - janeiro a dezembro de 2026

Polyana Tidre

Professora do Departamento de Filosofia da UFPR

<http://lattes.cnpq.br/6732167054105229>

Projeto de pesquisa

Título:

**Sobre trabalho, alienação, fetichismo e emancipação na crítica à metafísica
naturalizada da Modernidade**

SUMÁRIO

1. ESTRUTURA.....	2
2. APRESENTAÇÃO.....	4
1 “Relações reificadas entre pessoas”, “relações sociais entre coisas” – de Hegel a Marx na crítica à metafísica naturalizada da Modernidade	4
2 Da Alienação ao fetichismo para além do “corte epistemológico”	5
3 Fetichismo como “ilusão necessária” e “abstração real”: com Kant e Hegel no combate à metafísica dogmática capitalista	7
4 Considerações finais: A metafísica invertida da Modernidade	10
5 Referências bibliográficas	12

1. ESTRUTURA

Introdução

Parte I –

“O trabalho forma”: trabalho, alienação e emancipação em Hegel

Capítulo 1: Trabalho como formação

1.1. A forma lógica do trabalho: [da tendência irrefreável da razão à contradição ou] do impulso (*Trieb*) pelo negativo à atividade do conceito na *Ciência da Lógica*

1.2. Desejo refreado como desejo do outro: o trabalho na *Fenomenologia*

Capítulo 2: Trabalho na sociedade civil-burguesa e a questão da população

2.1. A dialética do trabalho e a formação da subjetividade como *sittliche Gesinnung*

2.2. “No seu excesso de riqueza, a sociedade civil-burguesa não é rica o suficiente para dar conta da população”: O trabalho assalariado e o dilema da população na *Filosofia do direito*. [Ou: o movimento dialético da sociedade civil-burguesa e a produção da população]

Parte II –

“Quanto mais se trabalha, mais se é dominado por aquilo que se cria”: trabalho, alienação e dominação em Marx

Capítulo 3: O jovem Marx e a alienação

3.1. “Da crítica dos céus à crítica da Terra”: de Feuerbach a Marx sobre a alienação

3.2. “Quanto mais se trabalha, mais se é dominado por aquilo que se cria”: a sistematização do conceito de alienação nos *Manuscritos*

3.3. A “cerejeira de Feuerbach” e o novo materialismo de Marx na *Ideologia alemã*

Capítulo 4: *Capital* e fetichismo

4.1 [Introdução] “Relações reificadas entre pessoas”, “relações sociais entre coisas” – de Hegel a Marx na crítica à metafísica naturalizada da Modernidade no *Capital*

4.2. Da Alienação ao fetichismo para além do “corte epistemológico”

4.3. Fetichismo como “ilusão necessária” e “abstração real”: com Kant e Hegel no combate à metafísica dogmática capitalista

4.4. A metafísica invertida da Modernidade

Parte III –

Capital como “ídolo vampiresco para o qual todos os sacrifícios serão sempre insuficientes”: de Marx às questões ecológicas e de gênero

Capítulo 5: De Marx a Luxemburgo: um marxismo ecológico e decolonial

5.1. Acumulação originária: capitalismo como totalidade contraditória

5.2. Reforma ou revolução? O impasse do “só mais um esforço”

5.3. “O desejo que mata”: Butler, Badiou e o “Desejo de Ocidente”

5.4. Luxemburgo, Paulo Arantes e a dialética periférica

Capítulo 6: Desnaturalizando o gênero – e a Natureza

6.1. A construção do gênero e o capitalismo em Federici

6.2. Crítica ao materialismo abstrato: Butler e a crítica às *material girls*

6.3. A construção da “Natureza” e da “Natureza Barata”: Jason Moore, capitalismo e hipostasias modernas

Considerações finais

Referências bibliográficas

2. APRESENTAÇÃO

1 “Relações reificadas entre pessoas”, “relações sociais entre coisas” – de Hegel a Marx na crítica à metafísica naturalizada da Modernidade

A presente pesquisa tem por objetivo abordar a problematização feita por Marx da impossibilidade de emancipação a partir dos princípios e instituições organizadores da Modernidade (isto é, dos modos de sociabilidade ou formas sociais especificamente modernas). Especialmente através do tratamento original do conceito de alienação em seu aspecto *secular* e em seu ulterior desenvolvimento como fetichismo,¹ Marx aponta para contradições inerentes ao “Projeto da Modernidade”.²

Assim, para o acompanhamento do tratamento marxiano dessas contradições, a atual pesquisa propõe uma análise da gênese e do desenvolvimento dos conceitos de alienação e fetichismo em Marx, buscando empreender uma atualização do autor capaz de levar àquilo que, segundo Safatle, é proporcionado pela teoria do reconhecimento hegeliana quando coloca a questão da escravidão moderna no centro da reflexão, isto é, a “modificações maiores na própria metafísica naturalizada em certa forma hegemônica de pensar a emancipação” (SAFATLE, 2017, p. 11). No entanto, na exposição aqui empreendida, e que deverá ser aprofundada ao longo da pesquisa, ficarão evidentes também suas diferenças. No Hegel ao qual dá ênfase Safatle,³ estabelece-se, tal qual uma divisa programática, que “a liberdade conquistada pelo escravo não é sua elevação à condição de novo senhor, mas a abolição dos modos de relação até então vigentes” (p. 11). Na atividade de mediação do desejo possibilitada pelo trabalho, como exposto na dialética do senhor e do escravo da *Fenomenologia*, “o que era ‘coisa’, o que era

¹ Faço aqui uma aproximação entre os conceitos de alienação e fetichismo, a fim de mostrar que o último consiste em um desenvolvimento do primeiro que mantém a estrutura do que Marx caracteriza como uma relação de “alienação secular”, ao mesmo tempo que aporta um refinamento conceitual dos termos que a compõem, o qual não seria possível sem o aprofundamento da economia política realizado por Marx a partir de 1843.

² Outro desdobramento dessa problemática, explorado em TIDRE, 2024, reside no fato de que as próprias concepções de liberdade pressupostas no “Projeto da Modernidade” acabam por reiterar, através de sua efetivação, novas relações de dominação.

³ Para a reconstituição de uma recuperação de Hegel que é enormemente tributária de Kojève, a partir de sua interpretação original da *Fenomenologia do Espírito*, e particularmente da dialética do senhor e do escravo – em uma apropriação que, ainda que pouco ortodoxa e não necessariamente fiel à letra, é indiscutivelmente profícua em suas repercussões na produção filosófica do século XX, ver Paulo Arantes, “Um Hegel errado, mas vivo” e “Hegel no espelho do Dr. Lacan” (*Formação e desconstrução: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa*). Ver também “Desejos históricos: a recepção francesa de Hegel”, em *Sujeitos do desejo*, de Judith Butler, e Mariana Teixeira (2022).

‘propriedade’, transforma-se agora em agente, de modo que o que era mero objeto apareça agora como sujeito”, em um movimento “que modifica não apenas as ‘coisas’, mas que destitui também aqueles que até então eram ‘sujeitos’ apenas à força da exclusão e da expropriação” (p. 11).⁴ No Marx que colocamos em evidência, busca-se problematizar essa metafísica naturalizada à medida que se desvela, em sentido hegeliano, no que consiste sua “verdade”.

Através da exposição de Marx do aspecto negativo adquirido pela atividade de mediação que é o trabalho em sua forma especificamente moderna, como trabalho assalariado (*mais*, como irão destacar Federici e Moore, seu contraponto necessário, atuante “fora” ou na “periferia” do circuito oficial da valorização do valor, como trabalho não pago ou Trabalho Barato)⁵ –, evidencia-se como a dinâmica própria a esse novo modo de produção implica “relações reificadas entre pessoas” e “relações sociais entre coisas” (MARX, 2017, p. 148), onde o indivíduo, como consumidor e trabalhador, transforma-se em mero meio, assumindo função de suporte ou veículo (*Träger*) daquilo que ele próprio cria, enquanto que o produto do trabalho, reduzido ao elemento abstrato do valor e manifestando-se nas formas sociais da mercadoria e do dinheiro, atua, em um processo de autodeterminação, como “sujeito automático” (229-230)⁶ ou “substância [...] que move a si mesma” (p. 230) rumo ao fim de sua própria valorização.

2 Da Alienação ao fetichismo para além do “corte epistemológico”⁷

A “metafísica naturalizada” que se impõe com a nova organização da produção da vida material emergente na Modernidade é exposta por Marx pela primeira vez em sua

⁴ Uma mensagem que, supondo ser permitido ignorar levemente os perigos evidentes do anacronismo, lembra um dos trechos mais emblemáticos do *Manifesto*: “A burguesia, porém, não se limitou a forjar as armas que lhe trarão a morte; produziu também os seres humanos que empunharão essas armas – os operários modernos, os *proletários*” (2010c, p. 46, destaque de Marx). No texto da *Fenomenologia* trata-se, no entanto, de frisar que a liberdade do escravo é atingida justamente pela incapacidade do senhor em produzir algo, o qual se encontra, assim, em uma condição de dependência, para a satisfação do seu desejo, da mediação realizada pelo trabalho de outrem (cf. HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2008).

⁵ Cf. Silvia Federici, em *Calibã e a bruxa*, e Jason W. Moore, em “O surgimento da Natureza Barata” (in: MOORE, Jason W. (org.). *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo*. São Paulo: Elefante, 2022, p. 129-186).

⁶ “[...] Na circulação D-M-D, ao contrário, mercadoria e dinheiro funcionam apenas como modos diversos de existência do próprio valor: o dinheiro como seu modo de existência universal, a mercadoria como seu modo de existência particular, por assim dizer, disfarçado. O valor passa constantemente de uma forma a outra, sem se perder nesse movimento, e, com isso, transforma-se no sujeito automático do processo.” (MARX, 2017, p. 229-230).

⁷ Para um aprofundamento da crítica aqui pressuposta à tese althusseriana do corte epistemológico, bem como para uma exposição mais completa da gênese da acepção especificamente marxiana da alienação, ver TIDRE; GIOPPO, 2025, e MÉSZÁROS, 2016.

tematização do estranhamento (*Entfremdung*) e do poder (*Macht*) constituintes do que ele reconhece como uma alienação *secular*: desponjando o *Mensch* religioso feuerbachiano de seu aspecto abstrato e contextualizando-o na esfera da sociedade civil-burguesa, “mundo das necessidades” e “do trabalho” (2010a, p. 53),⁸ Marx retoma a tematização feita por Feuerbach da cisão (*Entzweiung*)⁹ do ser humano consigo mesmo expressa na divisão entre indivíduo e gênero e da relação invertida entre ser humano e a representação de Deus que caracteriza a alienação religiosa, mas vai além, apontando que esse não-reconhecimento e essa subjugação têm suas raízes em uma nova sociabilidade posta a partir da Modernidade.

Com isso, Marx está interessado em enfatizar, nos passos de Feuerbach, o aspecto *negativo* do fenômeno da alienação,¹⁰ insistindo porém, em um distanciamento dos jovens hegelianos, na compreensão da alienação religiosa como uma espécie de “fenômeno sintomático” cuja essência tem de ser encontrada em uma alienação mais profunda – ligada às novas relações de vida e de trabalho características da sociedade civil-burguesa, esfera marcada por um “movimento desenfreado de seus elementos espirituais e materiais” (2010a, p. 52) no qual o indivíduo, através mesmo de sua atividade, acaba em situação na qual “degrada a si próprio à condição de meio e se torna um joguete na mão de poderes estranhos a ele” (p. 40), encontrando-se assim “perdido para si mesmo, alienado, sujeito à dominação por relações e elementos desumanos” (p. 45). Desses elementos, aquele para o qual Marx mais aponta no texto da *Questão judaica* é o dinheiro, que aí assume a função de novo Deus, “deus *da necessidade prática e do interesse próprio*” (p. 58), dotado de um caráter transcendente e de dominação sobre aquele que o cria – e, por extensão, sobre a própria natureza (p. 58). Até aqui, no entanto, Marx não dá conta de responder no que exatamente consiste a dinâmica negativa específica da sociedade civil-burguesa.

É a partir do aprofundamento no estudo da economia política e da defesa de uma nova concepção do materialismo, histórica ou dialética, que ele desenvolve nos esboços dos *Manuscritos* e, com Engels, na *Ideologia*, uma análise mais sistemática desse

⁸ Sobre o termo “sociedade civil-burguesa” (*bürgerliche Gesellschaft*), predominante nos escritos de Marx pré *Manuscritos de 1844*, ver TIDRE, 2018 e 2019.

⁹ Cf. FEUERBACH, L. *Das Wesen des Christentums*. In: Ders.: *Gesammelte Werke*, Bd. 5. Berlin: Akademie Verlag, 2006, p. 75. Em português: *A essência do Cristianismo*. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002, p. 41.

¹⁰ Diferentemente de Hegel, que, ao relacionar a alienação (*Entfremdung*) à atividade do trabalho, não a distingue da ação de exteriorização ou objetivação (*Veräußerung*, *Entäußerung*), abordando-a exclusivamente em seu aspecto positivo (cf. SCHÄFER, 2012).

movimento, além de uma proposta de “desnaturalização” do mesmo – começando pelas categorias mais caras aos economistas políticos, tratadas até então como supostamente a-históricas.¹¹ Esse é o início do percurso que habilitará Marx a desmistificar o processo contraditório pelo qual “quanto mais se trabalha, mais se é dominado por aquilo que se cria” (2010b, p. 79 ss.) e a distinguir diferentes aspectos da alienação, atrelando-os mais sistematicamente à propriedade privada ou à separação entre produtor e meios de produção.

A análise do processo histórico necessário a essa separação será feita por Marx nos dois últimos capítulos do *Capital*. Utilizando-se do exemplo da Inglaterra, ele mostra como tal separação só é possível através, por um lado, dos cercamentos e da expulsão em massa dos camponeses do campo, com o conseqüente processo de disciplinamento que serve à formação da força de trabalho nas cidades em sua adaptação às novas relações características da manufatura e, posteriormente, da grande indústria, e por outro, do colonialismo e da escravidão moderna, com a resultante destruição de modos de produção alternativos em que se tem acesso direto aos meios de produção.

É também no *Capital* que, para além da investigação do movimento histórico pelo qual se dá a alienação como separação entre produtor e meios de produção, Marx oferece um novo enquadramento a esse processo. Retomando a analogia com a religião, o que era identificado desde os *Anais franco-alemães* como alienação é apresentado agora como “fetichismo”, quando o autor argumenta que, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana, tal como os produtos mentais que correspondem às representações religiosas, parecem “dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os seres humanos” (2017, p. 148).

3 Fetichismo como “ilusão necessária” e “abstração real”: com Kant e Hegel no combate à metafísica dogmática capitalista

Para caracterizar o fetichismo, Marx utiliza diversos termos: “enigma”, “ocultamento”, “velamento”, “mistério”, “segredo”, atrelados a um modo de produção que se apresenta como “mágico” ou “assombrado” (MARX, 2017, p. 146 ss.). Na busca por uma sistematização dos diferentes aspectos expostos por Marx, identificamos o

¹¹ Para um aprofundamento da questão acerca da inflexão adquirida pelas posições teóricas de Marx a partir dos *Manuscritos*, ver TIDRE; GIOPPO, 2025.

fetichismo como aquilo que Jorge Grespan denomina de “transfiguração ocultadora”¹²: produz-se um ocultamento a partir de um movimento de “contínua redução” (p. 150) de trabalhos particulares ou concretos a uma substância que lhes é comum, i.e. a trabalho *abstrato*, quantificado pelo tempo de trabalho *socialmente* necessário à produção de uma mercadoria – denominados por Marx, respectivamente, como valor e grandeza de valor.

O ocultamento produzido por essa operação de contínua redução se dá em dois sentidos: por um lado, há um velamento da origem do valor contraposto à transparência característica das formas sociais próprias, por exemplo, do trabalho escravo ou do trabalho servil (como no caso da corveia feudal), que permitem uma maior clareza a respeito de quem produz as riquezas, de quem as possui, ou mesmo da quantidade produzida. Isso tudo torna-se mais “nebuloso” a partir das trocas intermediadas predominantemente pelo dinheiro e, por conseguinte, das relações assalariadas de trabalho. Em outro sentido, há um velamento do que é produzido quando suas propriedades, que são resultado de relações sociais e históricas – dos seres humanos entre si e com a natureza –, aparecem como intrínsecas ou naturais às próprias coisas.¹³

Em relação ao elemento abstrato ao qual o trabalho é continuamente reduzido, é essencial destacar que essa abstração diz respeito não a algo irreal, fantasioso, a um “erro de percepção” ou de julgamento sobre os objetos, mas a uma “ilusão *necessária*”, ao modo como as coisas de fato aparecem imediatamente ao produtor: o produto, o trabalho e o tempo de trabalho aparecem sob a forma da mercadoria, do valor e de sua grandeza “independentemente da vontade, da previsão e da ação daqueles que realizam a troca”, de modo que seu “próprio movimento social possui, para eles, a forma de um movimento de coisas, sob cujo controle se encontram, em vez de eles as controlarem” (p. 150). Nesse sentido, essa abstração tem de ser entendida como objetiva ou real, na medida em que exerce um verdadeiro poder sobre quem a produz e sobre sua atividade, refletindo uma inversão na qual quem cria é dominado por sua própria criação.¹⁴

Essa transfiguração ocultadora pode ser aproximada de um ato de “colonização”,¹⁵ no qual as coisas são investidas de novas formas sociais, organizadas a partir de um

¹² GRESPAN, 1999, p. 204. A caracterização de Grespan do fetichismo como “transfiguração” é apresentada desde o início do texto (p. 28 ss.).

¹³ Ainda que a organização se dê, só em aparência de modo contraditório, entre produtores *privados* (cf. GRESPAN, 1999, p. 53 ss.).

¹⁴ Sobre os aspectos da “ilusão necessária” e da “abstração real” do fetichismo e sua conexão com as filosofias de Kant e Hegel, ver Ruy Fausto (2015), José Arthur Giannotti (1980; 1985; 2000), Vinicius Berlendis Figueiredo (2021) e Luiz Repa (2024).

¹⁵ Safatle empreende uma aproximação entre fetichismo e “colonização”, definindo-a como o ato de apoiar-se no Outro (no particular ou singular), reduzindo-lhe “à condição de suporte de uma imagem fantasmática”

princípio de inteligibilidade que atende acima de tudo à finalidade da autovalorização do valor, substância que nesse processo, em um movimento de autodeterminação, é ao mesmo tempo sujeito. Isso tudo constitui o enigma ou segredo que consiste no apagamento ou ocultamento das próprias relações de exploração que estão na base da expropriação, por parte do possuidor dos meios de produção, de uma parte do valor produzido por aquele que não tem senão sua força de trabalho a vender.

Mas dizer que o fetichismo consiste em uma abstração real, uma ilusão necessária e uma naturalização em relação à atividade, ao tempo e aos produtos do trabalho, significa também estabelecer que esse caráter fetichista não pode ser desfeito através de uma mera tomada de consciência. Desvendar o segredo do “hieróglifo social” (2017, p. 149) no qual o valor converte todo produto do trabalho não enleva, por si só, o elemento da abstração, da ilusão ou da naturalidade. O movimento de valorização do valor não é *produzido* por uma falsa consciência.¹⁶ É por isso que Marx afirma que a descoberta de que “os produtos do trabalho, como valores, são meras expressões materiais do trabalho humano despendido em sua produção [...] de modo algum elimina a aparência objetiva [*den gegenständlichen Schein*] do caráter social do trabalho. [...] Sua descoberta elimina dos produtos do trabalho a aparência da determinação meramente contingente das grandezas de valor, mas não elimina em absoluto sua forma reificada [*sachlich*].” (p. 149-150). Igualmente, o desvelamento do enigma da fonte do mais-valor implicado no processo de produção e de sua apropriação sem equivalentes não implica, por si só, a superação do fetichismo, sendo condição necessária, mas não suficiente. Tal exige, para além, a superação da sociabilidade e da racionalidade que lhe são constitutivas.¹⁷

(2024, p. 134). Outro autor que emprega a terminologia da colonização na crítica à subjugação do mundo da vida pelos sistemas do dinheiro e do poder é Habermas. Diferentemente do caráter “acidental” ou de “anomalia” dado pelas últimas gerações da Teoria Crítica a essa redução instrumental de tudo ao movimento de valorização do valor (especialmente na crítica “paroquial” de Honneth), entendo-a como uma redução que tem caráter de necessidade na dinâmica específica do capitalismo, e que, portanto, não é passível de ser evitada através dos esforços de apelo à consciência solidária ou ética dos “agentes econômicos” ou do fortalecimento de regulamentações jurídico-políticas visando seu abrandamento. Para um aprofundamento da questão e da crítica a Honneth, ver TIDRE; SCHÄFER, 2020, e TIDRE, 2023a e 2023b.

¹⁶ É, pelo contrário, esse movimento que organiza e imprime, a partir de certas formas sociais que se impõem como naturalizadas, uma determinada inteligibilidade à atividade e aos produtos do trabalho, assim como aos próprios trabalhadores (através de seu corpo e de sua subjetividade).

¹⁷ Nesse sentido, Safatle faz uma crítica a Lukács, que, em sua abordagem da questão do fetichismo a partir da temática da reificação, exprime “a crença de que o alargamento do horizonte de compreensão da consciência equivaleria à ruptura com a alienação da falsa consciência no domínio das relações reificadas e da aparência socialmente necessária.” (2024, p. 128-129).

4 Considerações finais: A metafísica invertida da Modernidade

A investigação de Marx, que desembocará na caracterização das determinações essenciais de uma metafísica especificamente moderna, mas contrária àquela subjacente ao “Projeto da Modernidade”, é iniciada pelo tratamento do problema da alienação, mostrando como esta é relacionada à esfera da sociedade civil-burguesa, ao “mundo da necessidade” e “do trabalho” e ao “movimento desenfreado de seus elementos espirituais e materiais”. O Marx do *Capital*, em um esforço que remonta aos *Manuscritos de 1844*, reenquadra a abordagem dessas relações de estranhamento e de poder a partir do conceito de fetichismo. A adoção do novo termo é marcada não somente por um rearranjo hierárquico no qual o dinheiro torna-se subordinado ao valor como uma de suas formas de manifestação, mas também por uma exposição do velamento promovido pela operação de contínua redução do trabalho particular e concreto ao aspecto universal e abstrato que define o próprio valor e sua grandeza, o que transforma em enigma o processo de exploração e o movimento de multiplicação do dinheiro.

Nesse processo, o indivíduo – tanto o trabalhador assalariado quanto o capitalista – torna-se mero meio ou *Träger*, veículo ou “apêndice” para a realização, através de uma espécie de “astúcia da razão instrumental” ou de uma racionalidade própria ao capitalismo, daquilo que passa a assumir o protagonismo no papel de novo sujeito: o “sujeito automático” ou a “substância em processo” que impõe, em seu movimento de autovalorização, um modo de vida e de trabalho a indivíduos cuja vontade é, assim, determinada de maneira invariavelmente heterônoma.

Trata-se de uma metafísica invertida que mina as bases do programa proclamado pelo “Projeto da Modernidade”, pondo em questão tanto a pretensão de Kant em afirmar a capacidade de autodeterminação do sujeito ou da Razão, quanto o esforço de Hegel em mostrar como a Ideia – enquanto ideia de liberdade –, unidade entre conceito e efetivação, encontraria suas formas de manifestação mais adequadas na Modernidade. Em certa medida, a nova sociabilidade moderna, com seus princípios e com as instituições e práticas que lhe garantem a objetivação, representa a realização plena da Razão ou da Ideia que se autodetermina. No entanto, o que ocupa agora a posição de sujeito não é mais o indivíduo que, em sua atividade de produção via interação com o mundo circundante, estaria apto a criar as condições de sua própria emancipação. Este é agora, juntamente

com a natureza, ou precisamente como Natureza,¹⁸ reificado, instrumentalizado na relação de mediação da qual depende um novo senhor: o produto de seu próprio trabalho, que, enquanto valor que se manifesta através da mercadoria e do dinheiro, assume a função da substância-sujeito, movimentando-se exclusivamente segundo o imperativo ou as leis da acumulação.

Assim, o fetichismo, sendo na origem “um dispositivo criado a fim de impor distinções estruturais entre a consciência moderna então nascente e [...] espaços infinitos nos quais o ocidente não encontrava sua imagem”,¹⁹ volta-se, a partir de Marx, contra seus próprios criadores.²⁰ Ao deixar de ser entendida simplesmente como uma forma de relação que confere aparência de vida a coisas inanimadas, ressalta-se, nessa “operação fetichizante”, o aspecto da mistificação ou naturalização do processo social do qual resulta o valor, o qual, tendendo à Ideia no movimento da acumulação em escala sempre ampliada e infinita, é o “ídolo ‘vampiresco’ para o qual todos os sacrifícios serão sempre insuficientes”.²¹

¹⁸ Segundo a definição de Moore, a “Natureza” e a “Humanidade”, com iniciais maiúsculas, são categorias resultantes de um processo de separação visando justificar a instrumentalização e a superexploração de todos os seres e recursos – humanos e naturais – classificados como pertencentes ao primeiro grupo, que é por isso também denominado por Moore de “Natureza Barata”. Nesse sentido, ele afirma que “a história da Humanidade e da Natureza oculta um segredo indecente da história do mundo moderno: o segredo de como o capitalismo foi construído sobre a exclusão da maioria dos *humanos* da Humanidade [...]. A violência simbólica, material e física dessa separação ousada – Humanidade e Natureza – desempenhou um tipo especial de “trabalho” para o mundo moderno. [...] o trabalho não remunerado [...] a serviço da transformação de paisagens com um único propósito: a acumulação infinita de capital.” (2022, p. 130). A ideia de que o entendimento de algo como pertencendo à “Natureza” autoriza sua instrumentalização parece estar de acordo com aquilo que a segunda fórmula do imperativo categórico preconiza. Se Kant afirma que a “humanidade” deve necessariamente ser tratada como fim (“Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio” – FMC, p. 69), o mesmo não vale àqueles considerados como destituídos de razão: “Os seres cuja existência depende, não em verdade da nossa vontade, mas da natureza, têm contudo, se são seres irracionais, apenas um valor relativo como meios e por isso se chamam *coisas*, ao passo que os seres racionais se chamam *pessoas*, porque a sua natureza os distingue já como fins em si mesmos, quer dizer como algo que não pode ser empregado como simples meio (...).” (FMC, p. 68). Assim, autoriza-se a subjugação ou dominação de tudo aquilo que é considerado como não-humano – recursos ou seres naturais, mas também humanos, como, em diferentes contextos históricos, o escravizado, o “vagabundo”, o racializado, a mulher, o assalariado, etc.

¹⁹ SAFATLE, 2024, p. 131.

²⁰ Para Safatle, a contribuição a essa guinada é dada não só por Marx, mas também por Freud (2024, p. 131).

²¹ GRESPAN, 1999, p. 125.

5 Referências bibliográficas

- ARANTES, Paulo. *Formação e desconstrução: uma visita ao Museu da Ideologia Francesa*. São Paulo: Editora 34, 2021.
- BUTLER, Judith. *Sujeitos do desejo: reflexões hegelianas na França do século XX*. São Paulo: Autêntica, 2024.
- FAUSTO, Ruy. *Marx: Lógica e Política*. Tomo 1. Vozes, 2015.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa*. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEUERBACH, Ludwig. *Das Wesen des Christentums*. In: Ders.: *Gesammelte Werke*, Bd. 5. Berlin: Akademie Verlag, 2006.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do Cristianismo*. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.
- FIGUEIREDO, Vinicius Berlendis. A Reflexão no último livro de Giannotti. *Discurso*, 51 (2), 2021.
- GIANNOTTI, José Arthur. *Certa herança marxista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GIANNOTTI, José Arthur. *Origens da dialética do trabalho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- GIANNOTTI, José Arthur. *Contra Althusser*. In: *Exercícios de filosofia*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- GRESPLAN. *O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política*. São Paulo: Hucitec Fapesp, 1999.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARX, Karl. *O capital*. Livro I. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010c.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010b.
- MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010a.
- MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MOORE, J. W. O surgimento da Natureza Barata. In: MOORE, Jason W. (org.). *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo*. São Paulo: Elefante, 2022, p. 129-186.
- REPA, Luiz. The Necessary Illusion - Giannotti on Fetishism. *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*. Ano 21, n. 39, 2024, p. 47-62.
- SAFATLE, Vladimir. Prefácio. In: BUCK-MORSS, Susan. *Hegel e o Haiti*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SAFATLE, Vladimir. *Fetichismo: colonizar o outro*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

SCHÄFER, Márcio. *O conceito de trabalho na filosofia de Hegel e alguns aspectos de sua recepção em Marx*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), PUCRS, 2012.

TEIXEIRA, Mariana. Masters, Slaves, and Us: The Ongoing Allure of the Struggle for Recognition. In: BOLDYREV, Ivan; STEIN, Sebastian. *Interpreting Hegel's Phenomenology of Spirit*. New York: Routledge, 2022.

TIDRE, Polyana; GIOPPO, Gabriel. “O ser humano não é um ser abstrato, acororado fora do mundo” – Concepção e críticas da antropologia e da alienação no jovem Marx. *Dois Pontos*, v. 21, p. 166-186, 2025.

TIDRE, Polyana. “The freedom conquered by the slave is not his elevation to the status of a new master”: From Hegel to Marx on emancipation beyond modern normativity. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 8, p. 1-37, 2024.

TIDRE, Polyana. Concepções de liberdade em Hegel, Honneth e Marx. *ETHIC@*, v. 22, p. 971-996, 2023b.

TIDRE, Polyana. Por outra forma de reconhecimento: as críticas de Rancière e Safatle a Honneth. *PRINCIPIOS*, v. 30, p. 121-158, 2023a.

TIDRE, Polyana; SCHÄFER, Márcio. Reforma social ou revolução? Marx, Honneth e a economia de mercado capitalista. *Eleuthería*, Campo Grande, v. 5, p. 155-192, jul. 2020.

TIDRE, Polyana. Hegel e a população (*Pöbel*). *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*. Ano. 16, n. 27, p. 119-148, 2019.

TIDRE, Polyana. *Individuum und Sittlichkeit*. WVB: Berlin, 2018.